PAULO HERÔNCIO

# OS HOLANDESES NO RIO GRANDE

CO-EDIÇÃO

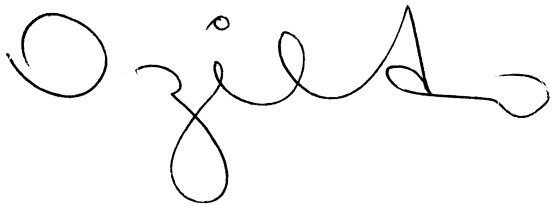
- FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO — NATAL-1980

CO-EDIÇÃO

CLIMA - FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

OS HOLANDESES NO RIO GRANDE
1980 — Paulo Heróncio
Editoria: Carlos Lima
CAPA: Francisco Alves
Revisão: João Alfredo Pessoa de Lima Netto
Composição/Diagramação: M. Januário Sobrinho
Impressão: Milton Lopes e Paulo Cardoso

Direitos desta edição reservados à
CLIMA — FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
NATAL-RN.



Este livro — o leitor logo percebe — não é uma monografia sobre o período holandês. O Padre depois Monsenhor Paulo Herôncio de Melo não teve o propósito de escrever outra coisa senão a crônica atualizada daquele período, que não é simples ocupação predatória, mas projeção no plano local das lutas que na Europa envolviam o Império de Filipe II e o Reino dos Países Baixos.

O Pe. Paulo Herôncio, das boas leituras que fez, ficou devoto dos mártires de Cunhaú, Ferreiro Torto e Uruaçu. O Congresso Eucarístico Paroquial de São José de Mipibu, que ele organizou, e a cujo êxito deu alma, pensamento e ação, prova até onde chegava sua devoção por aqueles cristãos massacrados.

Portanto este livro não é obra de historiador. Até poderá encontrar-se, aqui e alí, alguma referência ou alguma afirmação que a História do período holandês não abona. O que porém não retira o mérito do livro, se o consideramos livro de crônica e não tratado de história. As fontes bibliográficas que o Pe. Herôncio consultou são boas. Mas o período holandês produziu uma bibliografia tão vasta, que obriga à consulta completa, especialmente agora que está quase toda traduzida ao alcance de todas as mãos que a queira examinar.

O Mons. Paulo Herôncio de Melo nasceu em Natal, rua Voluntários da Pátria, a 3 de janeiro de 1901, filho de Hermógenes Herôncio de Melo e Maria das Mercês Herôncio de Melo.

Ingressou no Seminário da Paraíba, mas completou a formação no Seminário de Fortaleza. Tonsura a 19 de dezembro de 1919, ordens menores a 14 de novembro de 1920, subdiaconato a 12 de fevereiro de 1921, diaconato a 29 de março de 1923, ordenado sacerdote, em Natal, a 9 de março de 1924, por D. José Pereira Alves.

O ministério sacerdotal exerceu como coajutor de Mossoró (1925-1926), vigário de Macau (1926-1933), São José de Mipibu (1933-1937) e Currais Novos (1937-1963).

Organizou o primeiro Congresso Eucarístico do Estado a nível paroquial, em São José de Mipibu (23-26 de outubro de 1936) e o segundo, em Currais Novos (28-31 de outubro de 1937). E deu a contribuição de sua experiência para o terceiro, em Canguaretama (29 setembro-3 outubro 1945). A marca predominante de seu ministério foi a ação social, deixando em Currais Novos, onde trabalhou por vinte e seis anos, obras definitivas (ginásio, escotismo, creche, reeducação de menores, cooperativismo).

Reitor do Seminário de São Pedro, Cônego do Cabido de Aracaju (1936). Pio XII fê-lo Monsenhor Camareiro de Honra (8 nov. 1939). João XXIII, Protonotório Apostólico **ad instar participantium,** 1950. Prelado doméstico (1955). Prefeito de Macau (1930-1931).

Jornalista, colaborou permanentemente em **A Ordem,** diário católico. Além deste livro, publicou **Seguindo o Mestre,** São Paulo, Empresa Gráfica Revista dos Tribunais, 1941, 300 págs. Escreveu também uma peça teatral sobre o martírio de São Sebastião, que foi encenada no Teatro Carlos Gomes. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em cuja Revista publicou vários trabalhos.

Faleceu às 20 horas do dia 1.º de setembro de 1963, em Currais Novos, em cuja igreja matriz, na Capela Mor, foi sepultado, homenagem dos seus paroquianos, que guardam com reverência e carinho a memória do grande benfeitor.

Reeditar este livro não seria tanto uma necessidade para as letras históricas, mas uma renovação da lembrança do Mons. Paulo Heroncio.

Hélio Galvão

# PREÂMBULO

Um esquecimento imperdoável envolve a memória dos mártires de Uruaçú e de Cunhaú.

Quando se fala tanto na conquista holandesa, glorificando-se figuras proeminentes da invasão, e se chega a lamentar que a nossa nacionalidade não haja sido plasmada pelos flamengos, que transformaram as terras potiguares em campos de ruínas e de morte, os heróis da campanha libertadora continuam encerrados no frio túmulo da indiferença e do olvido.

O Rio Grande do Norte tem o dever de zelar pelo seu passado de glórias, fazendo reviver os feitos memoráveis dos que souberam defendê-lo e honrá-lo com sangue generoso.

Escrevendo estas páginas, eu quero assoprar um pouco da poeira que cobre a lembrança daqueles que foram realmente mártires da Pátria e da Igreja e que se tornaram merecedores do culto dos pósteros.

E penso assim prestar a essas figuras de heróis e de santos (sem querer antecipar os altos juízos da Santa Igreja) a homenagem do meu respeito e da minha veneração à memória de tão brava gente.

São José de Mipibu, Abril de 1937.

Pe. Herôncio

## O AVISO DE MATIAS DE ALBUQUERQUE

Ainda bem não clareara o dia, uma pequena embarcação cortava as águas do Potengi, em direção ao forte dos Reis Magos.

O bater cadenciado dos remos chamara a atenção da sentinela que vigiava a fortaleza.

Olhando através da luz que a aurora vinha trazendo às águas do rio, o guarda procurou reconhecer o barco.

Ao avizinhar-se das muralhas, a embarcação rumou para a entrada do forte.

A sentinela deu sinal à guarnição, reconhecendo quem se aproximava. Era o capitão-mor.

Havia poucos dias, Francisco Gomes de Melo assumira o governo da Capitania. Por várias vezes, já estivera no forte. Mas aquela visita matinal tinha algo de extraordinário. A presteza com que saltara, o nervosismo com que galgara o parapeito, as feições de quem passara a noite em vigília, tudo denunciava a preocupação do capitão-mor.

Dentro de alguns instantes, a guarnição estava a par dos acontecimentos.

A esquadra de D. Fradique de Toledo havia reconquistado a Bahia.

O almirante Hendrichszoon chegara tarde demais para auxiliar os batavos. Não era com 28 navios que iria enfrentar a esquadra de Toledo e os fortes de S. Salvador, já guarnecidos de mais bocas de fogo.

Ante a inutilidade de sua viagem, o almirante holandês resolvera voltar. E velejara para o norte. Avistando Olinda, continuara a rota. Mas era preciso refazer o rancho e a aguada. Convinha, antes de tornar à Europa, fundear em algum porto. Parecera-lhe propícia a baía da Traição. Transpusera a barra e arreara os ferros. Desembarcara com alguns oficiais e marinheiros e procurara logo conquistar a amizade dos naturais.

Marciliano, um dos chefes indígenas da região, oferecera hospedagem aos flamengos e fizera-lhes muitos oferecimentos, não sem primeiro receber presentes e bugigangas.

Hendrichszoon levantara na praia algumas fortificações de emergência e instalara um pequeno hospital para os marujos que haviam adoecido em viagem.

O chefe indígena falara, ao almirante, das vantagens de uma entrada no Rio Grande. Organizara-se uma pequena expedição. Marciliano levara os holandeses ao engenho Cunhaú. De lá, os batavos conduziram para bordo muito gado e 200 caixas de açúcar — auxílio providencial para quem ia atravessar o Atlântico.

Ao anoitecer da véspera daquele dia, chegara a Natal um mensageiro de Matias de Albuquerque, com um aviso para o capitão-mor. Os holandeses estavam nas costas da Paraíba e do Rio Grande e Francisco Gomes devia seguir com as forças de Francisco Coelho, capitão-mor da Paraíba, para repelir os invasores.

Essa a razão por que naquela madrugada o capitão-mor se dirigira ao forte dos Reis Magos. Era preciso que a guarnição da fortaleza estivesse de sobreaviso, olhos fixos no horizonte, na suposição de que a esquadra inimiga poderia surgir de momento diante de Natal.

Sem demora, aprestaram-se os canhões e as colibrinas.

O capitão-mor voltou à cidade. Os habitantes de Natal estavam alarmados com a notícia da invasão.

A cidade fundada por Jerônimo de Albuquerque contava apenas umas trinta casas de barro e palha. Os homens de prol viviam em suas fazendas indo à cidade somente aos domingos para a Missa.

Na tarde daquele dia, os fazendeiros, ao saberem da chegada de um mensageiro de Pernambuco, foram à casa de Francisco Gomes e ofereceram-lhe homens e haveres. Era com eles que o capitão-mor teria de contar, para repelir qualquer invasão. O auxílio dos índios era muito problemático. Em número de mais de setecentos, morando em aldeiamentos dos quais o principal era o de Mipibu, os selvagens eram pouco amigos dos portugueses.

Na madrugada do dia seguinte, Francisco Gomes deixou a cidade.

Quando se aproximaram da costa as forças dos capitães-mores, Hendrichszoon recolheu os marinheiros aos navios e se fez ao mar, velejando para as Antilhas, levando a bordo alguns selvícolas que manifestaram desejos de acompanhar os flamengos.

Chegando à baía da Traição, as tropas nacionais viram ainda, sumindo-se no horizonte, as velas flamengas.

Os portugueses vingaram-se dos índios que hospedaram os batavos. E vingaram-se com crueldade, infligindo aos bugres terríveis castigos pondo a ferros, passando outros a fio de espada. Os que quiseram fugir aos castigos, internaram-se nas matas. Marciliano conseguiu fugir com Janduí e Oqueaçú, principais da tribo.

Semanas depois, chegava a Natal a notícia da retirada dos holandeses. Uma onda de alegria perpassou por todas as almas. Houve tiros de mosquete e salvas de canhão. As casas se iluminaram. Na Matriz, celebrou-se Missa festiva de ação de graças.

A Capitania, livre dos invasores, retornava à sua vida normal. Os homens voltavam aos trabalhos da criação de gado e do cultivo da terra. Nos engenhos de Ferreiro Torto e Cunhaú, recomeçava a moagem da cana-de-açúcar.

## MARCILIANO

Weerdenburch fôra avisado de que um índio, vindo do Rio Grande, lhe queria falar.

Na sala de audiência do comando holandês, comentava-se a batalha que Adrien Pater travara com Oquendo, na qual perecera o almirante batavo, sepultando-se no mar. A conversa foi interrompida com a chegada do selvagem.

Os oficiais flamengos olharam com interesse aquela figura de guerreiro bravio.

O índio era um dos chefes da tribo dos janduís. Chamava-se Marciliano. Fôra ele que hospedara Hendrichszoon na baía da Traição. A visita do almirante às tabas de seus irmãos dera lugar à vingança dos portugueses que continuavam a perseguir os índios. Desde aqueles tempos, viviam eles sobressaltados.

Os principais da tribo mandaram-no a Recife negociar uma aliança com os "tabatingas".

Viajara pela costa e tivera oportunidade de ver a marcha dos guerreiros brancos desembarcados na Paraíba, com destino ao arraial do Bom Jesus.

Naquele dia, ao chegar a Recife, encontrara-se com seus compatriotas que haviam seguido, na esquadra, até a Europa, e que agora estavam de volta ao Brasil.

Queria que os flamengos fôssem à sua terra, ao Rio Grande, onde nascera e onde estava, depois que voltara das montanhas de Papanema, a uma lua de viagem, de lá.

Nos campos do norte, havia muito gado.

Os holandeses podiam contar com a amizade e o auxílio das tribos.

Weerdenburch ouviu com interesse o cacique. Aquele oferecimento não era para se desprezar, máxime quando se sabia que Oquendo desembarcara tropas que certamente viriam reforçar os guerrilheiros de Matias de Albuquerque.

O general despediu Marciliano, recomendando-lhe que aguardasse em Recife as decisões do Conselho e ficou a estudar o caso com seus oficiais.

Depois de discutir as vantagens de uma aproximação com os Janduís, o Conselho resolveu que se mandasse ao Rio Grande uma pequena expedição de reconhecimento. Os índios que haviam chegado da Europa seriam aproveitados na empresa, como ótimos elementos de contato com os selvagens. Os expedicionários levariam também o chefe Marciliano.

Na manhã de 13 de outubro de 1631, partia a expedição, comandada por Smient.

A Matias de Albuquerque não passou desapercebido aquele movimento de iates e chalupas, deixando Recife e rumando para o norte. Do arraial do Bom Jesus, mandou ele espiões à Paraíba.

Sabendo que as naus haviam passado à vista de Cabedelo, Matias se apressou em partir para o Rio Grande com três companhias e duzentos índios.

Os navios passaram ao largo do forte dos Reis Magos e, somente uma légua ao norte, rumaram para a terra, fundeando numa enseada.

Smient desembarcou com os índios e com uma parte das guarnições.

Os selvagens levaram os holandeses às tabas mais próximas, estabelecendo-se logo a mais perfeita cordialidade entre índios e civilizados.

O chefe da expedição mandou que os seus homens penetrassem mais as terras desconhecidas e caminhassem mais para o interior.

Já era noite. Os expedicionários avistaram os clarões de uma fogueira e se dirigiram para lá. Mais de perto, avançando cautelosamente, viram acampados um português, algumas mulheres e crianças e um índio que Marciliano reconheceu ser André Tracon.

Os batavos, de espadas em punho, arremeteram contra o pequeno acampamento que, apanhado de surpresa, não pôde resistir.

O português foi assassinado. Dos bolsos de sua blusa, os flamengos tiraram vários papéis. Aquele lusitano era João Pereira, que levava do Ceará para Natal um bando de mulheres e crianças, contando com a proteção do índio André e de alguns outros selvagens. Os papéis encontrados em seu poder eram dados preciosos sobre o Ceará. Convinha levar aqueles documentos a Smient.

Voltaram os flamengos ao porto.

Examinando os papéis roubados ao português, o comandante os julgou tão importantes que quís levá-los imediatamente a Weerdenburch. E zarpou para o sul, na sua chalupa, deixando seu imediato, Closter, encarregado de continuar o reconhecimento.

Closter velejou mais para o norte, até à ponta de Opese. Ficou a bordo e mandou os índios entenderem-se com os tapuias. Pela tardinha, viu na praia alguns portugueses disparando armas. Pareceram-lhe patrulhas de reconhecimento. Eram, por certo, soldados que Matias de Albuquerque levara da Paraíba e de Pernambuco. Não convinha esperar as tropas inimigas. E, sem perda de tempo, levantou ferros e se fez ao mar.

## DE ATALAIA

Na manhã de 25 de novembro de 1631, bordejava na barra de Recife a chalupa de Smient.

À medida que o veleiro se aproximava do ancoradouro, crescia na praia o número dos curiosos e interessados pela sorte da expedição.

Os marinheiros ferraram as velas da embarcação. Ouviu-se o barulhar das correntes dos ferros que se arreavam da proa e mergulhavam nas águas.

Muitas canoas zingaram para a nau.

A revelar num sorriso o êxito da viagem, o capitão apareceu no convés e, pulando numa das canoas, que abordaram seu navio, foi logo para a terra.

Horas depois, estava Smient em casa de Weerdenburch, em presença do Conselho. O capitão mostrava-se satisfeito com os resultados da viagem. Falava da boa acolhida que tiveram os flamengos por parte dos índios e exibia os documentos apreendidos em poder de João Pereira. E insistia na conveniência de se atacar sem demora o Rio Grande. Uma expedição bem organizada se

apossaria com facilidade daquelas terras. Closter ficara continuando os reconhecimentos e entabolando novas alianças com os bugres. Era preciso não perder aquela oportunidade.

O Conselho decidiu a tomada do Rio Grande.

A 21 de dezembro de 1631, poderosa armada deixava Recife. Ao sopro dos ventos, quatorze navios abriram as velas e manobraram para o norte. Guarneciam as naus, além das tripulações, dez companhias de aguerridos soldados.

Servaes Carpenter e Van der Haghen, membros do Conselho, comandavam a expedição. As tropas de desembarque iam sob as ordens do tenente-coronel Hartman Godefrid van Steyn-Callefels.

Efetuar-se-ia um desembarque na Ponta Negra e as tropas marchariam sobre o Forte dos Reis Magos.

Na madrugada de 25 de dezembro, Carpenter passou-se para um navio pequeno e comboiado por duas chalupas foi sondar a costa, procurando um porto.

Os barcos se avizinharam tanto da Fortaleza dos Reis, que os oficiais puderam observar, com grande surpresa, que o forte estava bem guarnecido, com muitas bocas de fogo e artilheiros de prontidão, tornando-se difícil conquistá-lo.

Das muralhas do forte partiu um tiro de canhão. Os navios orçaram imediatamente para o mar. Era temeridade responder ao canhoneio.

Voltaram os barcos e se incorporaram à esquadra.

No navio de Carpenter, reuniram-se os oficiais e membros do Conselho, para assentar um novo plano de ataque. Godefrid van Steyn-Callefels falou da inconveniência do desembarque na Ponta Negra, cuja consequência natural seria fatigar e desanimar os soldados. Apoiando as razões do tenente-coronel, Carpenter propôs que se forçasse a barra de Natal e se efetuasse o desembarque nas margens do Potengi. Os comandantes dos navios se manifestaram, porém, contrários ao parecer do conselheiro, alegando que as dificuldades de manobras exporiam os barcos às balas dos canhões da fortaleza.

Depois de várias discussões, os oficiais aprovaram o parecer de Van der Haghen que propunha a desistência do ataque, diante da superioridade de defesa do inimigo.

No dia seguinte, a esquadra bordejou para o largo, rumando o norte, indo ancorar em Genipabu, onde os flamengos desembarcaram para saquear as casas abandonadas e arrebanhar o gado que encontrassem. Para bordo levaram eles cerca de 200 reses.

A guarnição do forte dos Reis Magos estava realmente de atalaia, pronta para repelir qualquer ataque. Matias de Albuquerque havia levado da Paraíba para o Rio Grande três companhias e 20 selvagens aliados. O capitão João Vasques fôra também para Natal, com um caravelão, conduzindo uma companhia, munições e pólvora, seguindo a esteira da esquadra inimiga, desembarcando tropas ao pé da fortaleza.

Contando com esse valioso auxílio, Cipriano Porto Carreiro, capitão-mor do Rio Grande, podia afugentar facilmente os invasores.

## CALABAR

Não davam tréguas aos holandeses os bravos defensores da terra pernambucana.

No arraial do Bom Jesus, Matias de Albuquerque estava sempre de atalaia, olhos voltados para Recife.

O menor movimento dos batavos era fiscalizado pelos guerrilheiros que os mantinham encurralados, sem lhes permitir que penetrassem o interior.

Com água péssima e quase sem víveres, os sitiados contavam apenas com os auxílios de além-mar.

A Companhia das Índias Ocidentais já pensava em abandonar a conquista do Brasil.

Um dia, desapareceu do arraial o astuto guerrilheiro Domingos Fernandes Calabar. A sua ausência demorada motivou os mais desencontrados comentários. Infelizmente, dias depois, confirmavam-se as suspeitas: Calabar havia se passado para os flamengos.

O mameluco havia tido uma desinteligência com Matias de Albuquerque. E, ambicionando riquezas e honrarias, esque-

ceu que jurara fidelidade ao seu Deus e ao seu Rei e, fugindo do acampamento, bandeou-se para os holandeses.

O gesto indigno do traidor foi um achado para os invasores, naqueles momentos difíceis. Profundo conhecedor das praias e do interior, ele iria garantir-lhes muitos triunfos. Em breve lhes sorriria a vitória em várias batalhas, como as de Iguaraçú e Rio Formoso.

Calabar iria levar os batavos ao Rio Grande do Norte.

Ao trânsfuga não seria difícil um entendimento com os soldados da guarnição do forte dos Reis Magos.

Organizou-se a expedição.

Às 7 horas da noite de 5 de dezembro de 1633, saía de Recife a esquadra que devia se apoderar do Rio Grande. Comandava a frota o almirante Lichthardt. Em oito navios, viajavam oitocentos e oito homens de desembarque, divididos em quatro companhias de fuzileiros e quatro de mosqueteiros, comandados pelo tenente coronel Byma. A capitânia levava em seu bordo Von Ceulen, um dos diretores da Companhia das Índias Ocidentais, e Calabar.

O sopro brando dos ventos que caíram à noite não permitiu que os navios avançassem.

Pela manhã, o navio de Smient se incorporou à frota.

Ao meio-dia, a capitânia içou sinal de convocação de oficiais.

Os marinheiros ferraram os panos dos navios. Das naus partiram escaleres para o navio-chefe.

Lichthardt reuniu seu estado-maior. Era preciso assentar o plano de ataque. Calabar foi de parecer que se devia atacar o forte dos Reis Magos por mar e por terra, efetuando-se um desembarque na Ponta Negra. Os navios apoiariam a ação da infantaria, forçando a barra do Potengi.

A opinião de Calabar foi aceita pelos oficiais. Byma ditou, então, nestes termos, as suas ordens aos comandantes de companhias:

> "Quando se houver de operar o desembarque, farão proferir pelos soldados uma prece, implorando ardente-

mente ao Senhor a sua graça para a empresa que iam cometer, e em seguida animá-los corajosamente a se portarem na ocasião iminente como leais e valorosos soldados, de acordo com a sua honra e juramento.

Deverão mais fornecer à sua gente pão para três dias e dois martelos de vinho, antes de sair de bordo, e verificar que todas as bolsas e patronas estejam bem fornecidas.

Uma vez na terra, marcharão na ordem seguinte: as companhias do tenente-coronel e do capitão Maufas formarão a vanguarda; as do nobre senhor Delegado e do capitão Teller, a retaguarda. Sendo as duas primeiras companhias apertadas pelo inimigo, devem as duas imediatas secundá-las, sem aguardar ordens."

Iniciaram-se os preparativos para o desembarque. Os navios arriaram escaleres. Começou a concentração das tropas de desembarque nos navios menores que mais pudessem aproximar-se da costa.

Já era tarde, quando terminou o transbordo dos soldados. As naus abriram as velas. E, na manhã seguinte, aproavam para a Ponta Negra. Avizinharam-se o mais possível da terra e fundearam na enseada.

Dado o sinal de desembarque, os escaleres começaram a despejar soldados na praia.

Ao sol do meio-dia, as tropas flamengas marchavam sobre Natal.

## A RENDIÇÃO DA CAPITANIA

Sob os rigores de um sol abrasador e obrigada, ainda, pela maré cheia, a caminhar pela areia movediça das dunas, marchava a coluna do tenente-coronel Byma.

Os soldados já sentiam o desânimo da fadiga.

Um ligeiro incidente os veio distrair e reanimar.

De uma casa encravada num outeiro, à margem do caminho, partiram alguns tiros contra a coluna. Parou a marcha. Trinta homens, comandados por um sargento, foram destacados para cercar a casa. Fez-se o cerco. Os portugueses que lá estavam não puderam resistir e foram mortos. Os soldados voltaram e a marcha continuou.

Eram três horas da tarde de 8 de dezembro de 1633, quando as forças de Byma chegaram a Natal. A povoação não resistiu. Os elementos de força estavam com o capitão-mor, Pedro Mendes de Gouveia, no forte dos Reis Magos.

O Ten. Cel. guarneceu a povoação e marchou em direção do forte.

No mar, cruzavam as velas flamengas.

Tropas de desembarque já estacionavam nas dunas próximas da fortaleza.

Do forte, o comandante mandou um sargento e um soldado a Natal, para colher notícias. O tenente-coronel encontrando-os, prendeu-os.

Ao pôr do sol, a coluna acampava perto do mar.

Os canhões da fortaleza começaram a despejar fogo, ora contra o acampamento, ora contra os navios que bordejavam à pequena distância.

Durante dois dias, os batavos se ocuparam em desembarcar morteiros, granadas e balas incendiárias.

O capitão-mor observava todo aquele preparativo de ataque.

A Ceulen pareceu conveniente propor a rendição da fortaleza, como era de praxe antes de um ataque decisivo. Calabar lembrou que os soldados aprisionados deviam acompanhar a quem quer que fôsse parlamentar com o capitão-mor. Havia interesse em deixar em liberdade aqueles dois lusos. Ceulen concordou. Do acampamento partiu um tambor, seguido dos dois soldados, com uma carta para Pedro Mendes de Gouveia.

Ao se aproximarem do forte os embaixadores, o capitão-mor ordenou que lhes dessem entrada. Recebendo os emissários, leu a mensagem e entrou para a sala de comando. Instantes depois, entregava ao tambor a resposta aos chefes holandeses. O mensageiro se retirou.

Mendes de Gouveia interrogou, então, os dois soldados. Contaram eles como foram aprisionados, quais as forças de que dispunham os inimigos, e que haviam sido livres, graças à intervenção de um brasileiro que estava com os oficiais. O capitão-mor dirigiu aos seus soldados palavras de encorajamento, concitando-os a defender o forte com o sacrifício da própria vida, dizendo-lhes que não havia vantagens capazes de demovê-los do cumpri-

mento do dever. Soldados de Portugal, todos tinham a honra a zelar e não consentiriam que o forte fôsse tomado sem um protesto de sangue.

No acampamento, Von Ceulen recebeu a missiva que Pedro Mendes lhe mandara. E, perante os oficiais, leu a resposta do capitão-mor:

> "Estou bem certo das boas disposições de cortesia de V. Exa., como bom soldado que é em assuntos e principalmente nos negócios da guerra; mas V. Exa. deve saber que este forte foi confiado à minha guarda por Sua Majestade católica, e só a ele ou a alguém de sua ordem o posso entregar e a mais ninguém, preferindo perder mil vidas a fazê-lo e do mesmo espírito se acham animados todos os meus companheiros, achando-nos bem providos de todo o necessário. (a) Pedro Mendes de Gouveia, capitão-mor do Rio Grande".

Ainda com a mensagem nas mãos, Von Ceulen ordenou o início do ataque.

Era a tarde de 11 de dezembro.

Iniciou-se um pesado duelo de artilharia entre as baterias flamengas e os canhões do forte.

A fortaleza sentia a superioridade do ataque. Suas ameias caíram destruídas pelas balas. Alguns dos canhões eram postos fora de combate, completamente inutilizados. Um balaço atingiu o condestável, esmigalhando-lhe o braço. O capitão-mor animava os combatentes, mas dentro em breve sua bravura ficava neutralizada. Estilhaços de granada feriram-no gravemente, prostrando-o por terra. Seu ajudante o suspendeu nos braços e o levou para o quarto de comando. Momentos depois, os canhões emudeciam.

Os sitiantes, não ouvindo mais o fragor da artilharia lusa, suspenderam o bombardeio, aproveitando a trégua para reforçar o cerco com mais canhões desembarcados, cavar mais trincheiras e amedrontar o inimigo com toques de corneta e rufos de tambores.

Dentro da fortaleza, tramava-se rendição. Os prisioneiros, que Calabar conseguira libertar, insinuavam a capitulação, falando das garantias que a todos seriam asseguradas.

A guarnição foi ter com o capitão-mor.

Estendido no leito, com as roupas em sangue, Pedro Mendes recebeu os soldados e repeliu com dignidade a proposta de rendição e ordenou que se reiniciasse o fogo pela manhã. Mas não foi obedecido.

Aproveitando o momento em que ele adormecera, os soldados roubaram-lhe as chaves do forte. E, às primeiras horas da manhã, hastearam nas muralhas uma bandeira branca. Mandaram a bordo da capitânia flamenga um emissário, pedindo armistício para parlamentar.

O embaixador levava a Von Ceulen uma carta assinada por Sebastião Pinheiro Coelho.

O chefe holandês leu a missiva e quis devolvê-la, porque não era assinada pelo capitão-mor.

O mensageiro explicou que Pedro Mendes estava gravemente enfermo.

Von Ceulen aceitou a proposta, concedeu a trégua e desembarcou, para conferenciar com Byma.

Entre os holandeses e os soldados lusos firmou-se a capitulação. A guarnição entregaria o forte, com artilharia, pólvora, munições e até a bandeira, em troca do direito de se retirar com armas e bagagens.

No documento de rendição, firmado pelos oficiais e soldados portugueses, fez-se a justiça a Pedro Mendes de Gouveia, declarando-se que o capitão-mor jazia "demasiado gravemente ferido".

## O FORTE CEULEN

O portão da fortaleza dos Reis Magos se escancarou, para dar entrada aos conquistadores.

A soldadesca de Holanda entrou no forte e invadiu todos os recantos, como se fôra uma onda a se despejar de porta a dentro e a se espraiar por todos os pontos. À frente, iam Von Ceulen, Byma e Calabar.

A um sinal de comando, a tropa se reuniu na capela, para um ofício de ação de graças, presidido pelo ministro protestante que a acompanhava.

Depois daquele ato de religião, os soldados formaram na praça de guerra, de armas em continência. Hasteou-se então a bandeira holandesa, ao rufar dos tambores e entre salvas de canhão.

O Ten. Cel. declarou, depois, que em nome dos seus comandados ia prestar uma homenagem ao diretor da Companhia, dando ao forte o nome de Ceulen. Novas salvas de canhão.

Estava oficialmente firmada a conquista. Nos muros drapejava o pavilhão dos invasores.

A fortaleza, que tantas vezes defendera os direitos de Por-

tugal, assestava agora os seus canhões contra os lusitanos. Quando era apenas alicerces, já se cobrira de glórias, pela bravura de seus defensores contra índios e franceses.

Construída em 1598, no governo de Manoel Mascarenhas Homem, fôra seu arquiteto o Pe. Péres, ilustre engenheiro da Companhia de Jesus. Os trabalhos iniciados em 6 de janeiro, já estavam concluidos a 24 de junho graças aos esforços de todos, empenhados em preparar o reduto de defesa da Capitania.

Ponto estratégico para o domínio da costa, chegou a ter 200 homens de guarnição. Em 1603, porém, apenas 40 soldados permaneciam dentro de suas muralhas. Mais tarde, em 1610, a guarnição fôra fixada em 1 capitão, 1 alferes, 1 embandeirado, 1 sargento, 1 tambor, 1 condestável, 2 bombardeiros, 4 cabos de esquadra, 40 mosqueteiros e 40 arcabuzeiros.

Dentro de suas muralhas não havia conforto. Faltava até água. Os soldados "fugiam dele como da morte". Mais tarde, foi melhorado, tornando-se o maior e o melhor do Brasil, com suas 33 peças de artilharia, corpo de guarda e alojamento para as praças. Agora, estava transformado em castelo holandês. Arriara-se do mastro o pavilhão das quinas. Flutuava sobre os muros a bandeira dos conquistadores.

Depois daquela cerimônia de posse, Von Ceulen foi visitar o capitão-mor. Pedro Mendes estava caído no leito, banhado em sangue. Até aquele momento, nenhum cirurgião lhe havia cuidado dos ferimentos. O chefe holandês saudou o capitão. Pedro Mendes correspondeu à saudação e protestou contra o gesto dos soldados que entregaram o forte, roubando-lhe as chaves quando dormia. Não tivesse sido ferido, e teria resistido enquanto houvesse pólvora.

De nada mais valia a sua lealdade. Cumpria-lhe apenas tratar da saúde para se retirar com as honras militares que lhe eram devidas. A sua voz não tinha mais força de comando. Era a voz de Gartsman que agora se fazia obedecer dentro do forte Ceulen.

## JAGUARARI

Numa das frias prisões da fortaleza, os holandeses foram encontrar um índio acorrentado. Chamavam-lhe os seus irmãos — Jaguarari; os portugueses conheciam-no por Simão Soares. Há oito anos que para ali fôra arrastado pelos soldados lusitanos. Era um dos maiorais da sua tribo. Sua taba ficava perto do mar.

Quando Hendrichszoon estivera na baía da Traição, ele andava pelo interior das matas, nos misteres da caça, não se preocupando com os invasores nem atendendo às solicitações de Marciliano que o fôra convidar para uma aliança com os flamengos.

As tropas dos capitães-mores, chegando à baía da Traição, prenderam a mulher e um filho de Jaguarari. Ao saber dessa notícia o índio correu a libertá-los. Sem dar ouvidos às suas reclamações, os lusos tomaram-no como aliado dos flamengos e prenderam-no também. O índio protestou. Não fôra dos que abriram as portas aos invasores. Ao contrário, não aceitara as propostas de Oqueaçú nem os convites de Marciliano.

De nada valeram as declarações do cacique. Pouparam-lhe apenas a vida. Algemaram-no, escoltando-o para Natal. De lá, foi

ele com outros índios conduzido para o forte dos Reis Magos e atirado a um calabouço.

Durante aqueles oito anos de prisão injusta, o chefe selvagem não deixou de reafirmar sua inocência e sua sinceridade, não o fazendo por humilhação mas por um dever de consciência. Sentia menos os ferros que o algemavam do que o juízo que se fazia de sua lealdade. Fôra sempre aliado dos portugueses, como seu tio Camarão. A pecha de traidor que lhe atiravam era um ultrage a seu caráter.

Quando o forte foi atacado, desejou ser livre para combater também. Preferia morrer lutando, a ser esmagado pelas ruínas dos muros rebentados a tiros de canhão. Ainda pediu ao capitão-mor permissão para ajudar os soldados, mas não conseguiu. E não se sabe mesmo como ficou vivo, quando o forte capitulou, pois um seu companheiro de infortúnio foi, antes da rendição, estrangulado e atirado do alto da muralha, para as bandas do mar.

Os conquistadores libertaram o índio, esperando que ele fôsse levantar as tribos contra os portugueses. Assim era de esperar de quem havia sofrido injustamente. Era chegado o momento da vingança.

Jaguarari deixou o forte.

Foi um momento de surpresa a chegada do selvagem às tabas dos seus irmãos. Todos o cercaram. Julgavam-no morto.

Mostrando-lhes os pulsos feridos pelas algemas, ele contou os seus padecimentos.

Mais estarrecida ficou a tribo quando ele afirmou que, apesar dos sofrimentos, continuava fiel aos portugueses.

Habituados a ouvir palavras de vingança e a marchar ao som das inúbias guerreiras para lavar no sangue inimigo as ofensas recebidas, não podiam os selvagens compreender o gesto nobre do cacique. E ele acrescentou: "Sangram-me ainda os sinais das minhas cadeias; mas é a culpa, não o castigo, que infama. Quanto pior me trataram os portugueses, tanto maior será o vosso e meu merecimento, conservando-nos fiéis ao serviço deles, especialmente quando o inimigo os aperta".

Os índios entreolharam-se. Seria possível? Não lhe teria o cárcere embotado a memória?... Não. Se aos civilizados faltara critério para dar crédito às afirmações do selvagem, ao índio sobrara consciência para se manter digno de sua palavra, mesmo com sacrifício. Queria ele que os de sua tribo partilhassem da sua dignidade, ajudando-o a reafirmar sua solidariedade aos lusos, para que eles vissem que o cativo de ontem confirmava, livre, sua inocência e sua lealdade.

Fascinados pelas palavras do chefe, os índios lhe juraram apoio. Seriam também amigos dos portugueses. Com ele retesariam os arcos e iriam aos combates em favor de Portugal.

O gesto de Jaguarari não foi um grito que se perdeu nas matas. Transpôs o oceano e foi ecoar na metrópole.

Em recompensa aos serviços do seu fiel vassalo, o rei lhe fez mercê de 750 reais de soldo, transmissíveis, por sua morte, à sua mulher e aos seus filhos.

## PRIMEIROS REVESES

Ao se aproximarem de Natal as tropas invasoras, os poucos habitantes da Capitania se refugiaram no interior.

Depois da rendição da fortaleza, alguns homens da guarnição se foram juntar aos que se haviam escondido para as bandas de Ferreiro Torto.

No dia seguinte ao da tomada da Capitania, Byma transferiu-se para Natal que passou a se chamar Amsterdam. No forte, o tenente-coronel deixou apenas 140 homens, sob o comando de Garstman.

Era preciso arranjar provisões para a tropa. Organizaram os batavos uma excursão que devia seguir pela costa-norte, até onde estivera, dois anos antes, a expedição de reconhecimento. A bandeira se compunha de duas companhias e 60 marinheiros.

A pequena coluna transpôs o rio e marchou ao longo da praia.

Avistando algumas reses, que pastavam perto da ponta de Genipabu, os soldados trataram de arrebanhar os bois que puderam alcançar, chegando a ajuntar 35 cabeças de gado. Voltaram a Natal.

Grande foi a alegria dos flamengos ao receberem os excursionistas que regressavam com tão boa presa.

Confirmavam-se as afirmações de Marciliano quando fôra a Recife, convidá-los a ir ao Rio Grande. A terra era verdadeiramente um campo de criação.

Convinha agora uma batida, rio acima. Para as bandas de lá, existiam engenhos de açúcar.

Dias depois, organizava-se a segunda expedição, mais numerosa que a primeira, com 30 homens de cada companhia, formando um total de 200 soldados, ao mando do major Cloppeuburth.

Em seis escaleres, os expedicionários se transportaram ao passo do Potengi. Desembarcando, organizaram a marcha.

Ainda não haviam caminhado uma hora, quando ouviram, de repente, alguns tiros. Observando a região, puderam ver que sentinelas avançadas escondiam-se pelo mato e atiravam sobre eles. Fizeram descargas repetidas. Os emboscados foram mortos, ficando apenas um velho com vida.

Reiniciou-se a caminhada. Já marchavam os holandeses, havia três horas, quando a coluna foi novamente obrigada a parar e a tomar posição de combate.

Desta vez as descargas eram mais repetidas e mais numerosas.

Os fugitivos de Natal estavam acampados naqueles sítios, com alguns soldados do forte, chefiados por Vaz Pinto, provedor da Fazenda Real. Aguardavam eles auxílios da Paraíba.

Ao se avizinharem os conquistadores, os foragidos começaram a disparar os mosquetes, esperando fazê-los retroceder. Mas os invasores avançaram, apesar das baixas sofridas. Não podendo resistir, os portugueses fugiram.

Novos guerrilheiros aguardavam os batavos mais adiante, emboscados nos matos. Foi intensa a fuzilaria. Cloppeuburch dispôs seus soldados para o combate.

Depois de alguns momentos de luta, o chefe holandês achou mais prudente recuar. Não sabia de que forças dispunha aquele reduto. Além disso, o velho prisioneiro afirmava que da Paraíba eram esperados 300 homens. Talvez que aquela força já tivesse chegado. Assim convinha recuar.

Uma companhia fez a retaguarda, sustentando fogo, garantindo a retirada, em ordem.

Não mais sendo perseguida, a coluna tomou o caminho de Natal.

## OS JANDUÍS

Foi com pesar que os flamengos de Natal receberam a coluna do Major Cloppeuburch, que voltava do interior. Companhias desfalcadas, soldados feridos, nenhuma presa.

Era preciso assentar novos planos para dominar completamente a Capitania. Aquela gente acampada perto do engenho Ferreiro Torto tinha que ser submetida de qualquer forma.

O velho prisioneiro que a tropa trouxera podia ser um ótimo elemento de aproximação com os conquistadores. Seria ele o portador de um aviso aos fugitivos, convidando-os a se submeterem. No aviso, dava-se-lhes um prazo de três dias para se apresentarem às autoridades flamengas e fazerem juramento de fidelidade aos novos dominadores da terra, sob pena de serem tratados com rigor e verem seus bens confiscados e suas casas incendiadas.

Aquele expediente, porém, talvez fôsse pouco eficaz. Seria mais prático apelar para os índios, açulando-lhes o espírito de vingança e crueldade. Essa era a opinião de Calabar que se ofereceu para ir às tabas.

Para as bandas do sertão, até as margens do rio Açú, estendiam-se os domínios dos Janduís, índios da grande família tapuia, cujas tribos se espalhavam até a Bahia. Tinham eles muito ódio aos portugueses. Já haviam feito aliança com os flamengos, por intermédio de Marciliano. Aguardavam o momento aprazado para vingar os maltratos que haviam sofrido os seus compatriotas, depois que Hendrichszoon estivera na baía da Traição.

Era chegado o momento de apelar para os bárbaros, explorando-lhes os instintos de sangue e de vingança.

Com alguns companheiros, Calabar demandou o sertão.

Depois de alguns dias de viagem, o terrível emissário chegou às tabas. Procurando os caciques, parlamentou com eles, entregou-lhes presentes que os chefes holandeses lhes mandavam. E com eles acertou um ataque ao engenho de Ferreiro Torto.

Ao som das inúbias e sobraçando arcos e tacapes, 300 guerreiros tapuias desceram do sertão.

Para melhor se defenderem de qualquer ataque, os fugitivos de Natal se refugiaram no engenho de Francisco Coelho e ali ficaram aguardando os esperados auxílios da Paraíba.

Alguns dias depois daquele encontro com os holandeses, os refugiados de Ferreiro Torto foram surpreendidos por gritos ferozes seguidos de um cortar de setas pelo ar. O alarido aumentava à medida que se aproximavam. Eram os Janduís.

Os tapuias! — gritaram todos, aterrorizados.

O sobressalto se espalhou em todos os semblantes. O espectro da morte pairou diante daquela gente, que não podia defender-se.

Gritos de dor, abraços de despedida.

Açulados por Calabar, os bugres caíram sobre o engenho. Ninguém pôde fugir. Os que tentavam escapar ao tacape sentiam as flechas penetrarem-lhes as costas. Os gemidos dos moribundos eram abafados pelo berreiro infernal dos assaltantes. A matança

foi terrível. Homens, mulheres e crianças, todos sacrificados com tanta crueldade e tanta hediondez que não é possível descrever.

Mais de 60 pessoas foram mortas. Entre elas, o proprietário do engenho, Francisco Coelho, com sua mulher e seus filhos.

Ferreiro Torto marcava o início de um martírio de muitos anos. Aquela página de sangue era bem o programa de conquista dos novos senhores das terras do Rio Grande.

## TERRA DESOLADA

Quando os últimos remanescentes portugueses do Rio Grande souberam que os Janduís haviam descido do sertão, a convite dos invasores, e trucidado os moradores do engenho Ferreiro Torto, compreenderam o peso do infortúnio que caíra sobre eles.

Escondidos nas matas, ou continuariam naquela vida cheia de sobressaltos, sem saber até quando, ou se submeteriam ao invasor, ou teriam que procurar abrigo no acampamento de Matias de Albuquerque.

Muitos foram bater às portas do engenho Cunhaú, onde havia alguma fortificação. Lá estava o capitão Álvaro Fragoso, que dispunha de algumas peças de artilharia.

Era mais fácil buscar um refúgio naquelas paragens do que atravessar o sertão ou palmilhar a costa, até alcançar o arraial do Bom Jesus.

Depois do morticínio de Ferreiro Torto, Natal se encheu de tapuias.

Aos chefes holandeses não convinha aquela gente na ci-

dade. Era preciso procurar uma oportunidade para que os selvagens, dando largas aos seus instintos de sangue, voltassem ao campo. Os batavos temiam a ferocidade dos índios, não confiando muito na amizade daquela gente, que se deliciava em comer carne humana.

Foi com prazer que os chefes flamengos receberam as sugestões de alguns compatriotas, que haviam fugido das prisões de Cunhaú, onde estavam desde a primeira invasão. Eles o animaram a saquear o engenho. Ótima lembrança. Teriam assim em que ocupar os selvagens. De lá, os bugres poderiam voltar ao sertão.

Por mar, iriam tropas ao mando de Stockhouwer. Os Janduís marchariam por terra, com soldados de algumas companhias chefiados por Artichofskey.

Em meio de uma algazarra infernal, os índios deixaram a cidade. Após dias de viagem, anoiteceram nas vizinhanças de Cunhaú.

Os cães do engenho pressentiram a aproximação de alguém e começaram a ladrar. Mas os soldados de Álvaro Fragoso não deram importância a tão precioso aviso.

Indios e soldados cercaram o engenho. Os atacantes, aproveitando a escuridão, avançaram cautelosamente sobre o forte e escalaram facilmente a muralha.

Os soldados de Fragoso despertaram sobressaltados, entrando em combate na maior confusão.

Os índios caíram sobre o engenho e sobre as casas dos moradores.

Os flamengos prenderam logo o capitão e mais três soldados. Alguns ainda conseguiram fugir.

A refrega foi rápida. Mais de 50 cadáveres de homens, mulheres e crianças ficaram estendidos no chão.

Um carmelita, que ali se achava, a prestar assistência religiosa aos habitantes da povoação, foi vítima do sabre dos hereges.

Quando chegaram as forças de Stockhouwer, o engenho Cunhaú já estava em poder dos invasores.

Destruido aquele último reduto de defesa, para onde iriam os fugitivos?

Uma atmosfera de desolação pesava sobre a Capitania. O tufão da desgraça passara célere sobre ela, deixando após si um sinal de maldição. Por toda parte, vestígios de sangue derramado de vítimas indefesas. Casas abandonadas, campos incendiados, rebanhos dizimados, bandos de salteadores a se espalhar pelo interior, de parceria com os ferozes tapuias... Como viver no Rio Grande? Até quando duraria aquele estado de coisas no novo distrito dos domínios holandeses? Que anos aqueles que pareciam não mais findar!

A chegada do príncipe Nassau a Pernambuco foi, para os oprimidos, como um raio de luz a penetrar num cárcere.

Os propósitos, que o novo administrador das conquistas de Holanda trazia para o Brasil, constituíam uma vaga esperança de paz à terra devastada pelo furacão da morte e dos incêndios. Esperança que se concretizaria em realidade? Simples miragens de caminheiro que atravessa o deserto. As garras do abutre continuariam a estrangular a presa. Novas páginas de sangue e de martírio iam se escrever nas terras do Rio Grande.

## A MARCHA DE LUÍS BARBALHO

Depois de tantos anos de abandono, a metrópole se lembrou um dia de socorrer a colônia de além-mar.

Firmava-se cada vez mais, na América portuguesa, o domínio flamengo. Para o Brasil holandês, viera uma figura de alta linhagem, que procurava dar novos rumos ao governo das terras conquistadas. Sua chegada fôra motivo de esperança de melhores dias para quantos sofriam o jugo dos exploradores flamengos.

Espírito de larga visão, o príncipe Maurício teria realizado um belo programa administrativo se não fôsse tolhido pela Companhia das Índias Ocidentais que visava tão somente a lucros argentários, e se contasse com a colaboração de auxiliares dignos desse título.

Ao chegar a Pernambuco, Nassau quís conquistar a Bahia. A tentativa neerlandesa deu motivo a que a metrópole voltasse suas vistas para o Brasil e mandasse uma esquadra em socorro da colônia.

D. Fernando de Mascarenhas, conselheiro de Estado, conde da Torre, foi o capitão-general de terra e mar escolhido para comandar as tropas.

Em outubro de 1638, as naus partiram de Lisboa.

Mas a esquadra luso-espanhola viera com maus fados. Aportando a Cabo Verde, perdera mais de 3.000 homens. Chegando a S. Salvador, estacionara no porto por muitos meses. Fazendo-se ao mar, para oferecer combate à esquadra holandesa, fôra vencida quatro vezes, travando a última batalha na altura de Cunhaú.

Depois de tantas derrotas, o conde da Torre abandonou a esquadra.

O mestre de campo, Luís Barbalho, que vinha na frota, juntando tripulações de alguns navios, fundeara no porto de Touros e efetuara um desembarque de 1.500 homens.

Não se sentindo bastante forte para ficar no Rio Grande com aquela gente, porque o príncipe Maurício lhe negara quartel, o grande capitão resolveu marchar para a Bahia.

O que foi aquela arrojada travessia de mais de quatrocentas léguas, sertão a dentro, sem víveres suficientes, ao sol e à chuva, enfrentando todas as desgraças, tendo que vadear rios, escalar montes, transpor abismos, combater selvagens, há tantos séculos atrás, — quem o pode dizer? Todas aquelas dificuldades passaram, certamente, pelo espírito do valente chefe, mas que importava o sacrifício se havia ideal?

Antes de iniciar a marcha, Barbalho falou assim aos seus soldados:

"O motivo que nos tirou da Bahia, nos deitou agora nesta praia; dela nos tirou a conquista, a ela nos leva a defesa; determinação, uma e outra, tão filha de ânimos portugueses, que livre de achar nos estranhos competência, busca em si mesmo o excesso, tanto maior em conservar o possuído, que em recuperar o estragado, quanto é maior o perigo de conduzir este socorro que o de perder aquela armada; em seu mau sucesso tiveram parte os elementos, e não os inimigos, nesta viagem havemos de pelejar com os inimigos e com os elementos; estes armados dos rigores do tempo, aqueles das cóleras do ódio. Tudo venceremos, se, só es-

tribados na causa alentarmos a confiança, pois é certo que não falta Deus com auxílios a quem lhe dedica obséquios. A favores do céu se nutre o valor dos homens. Irmos a socorrer e a livrar a pátria das leis da infidelidade e das extorsões da tirania, e a influir nas esperanças dos parentes e dos naturais, que em Pernambuco vivem oprimidos pelo jugo holandês, como libertarmos a Bahia do seu império. Pudera-nos acovardar a falta de mantimento, se não se costumarão a suprir com os frutos agrestes dos matos; neles mais certos e menos custosos nos tem ensinado que mais facilmente se vence a falta que a resistência; mas onde se contrasta a maior glória, sou de parecer que nesta marcha busquemos o povoado, no qual poderemos conseguir remédio para a força e argumento para a fama, mais grata a quem vence homens que a quem mata feras. Por esta vereda caminharemos a dois fins: a matar a fome e a refrear a força; pois é certo que os inimigos, que agora deixa nosso braço destruído, nos há de faltar depois contrários. E quando o holandês irritado nos busque poderoso, em nossa mão está a retirada, porque lhe fizemos tanta vantagem no conhecimento do sertão, quando ele nos pode fazer no número dos soldados".

A coluna marchou com armas e bagagens. À testa, ia a vanguarda de guerrilheiros batedores de mata, rasgando picadas, improvisando estradas, prontos também para oferecer combate a quem quer que se antepusesse àquela avalanche de bravos.

A notícia do feito de Barbalho chegara a Natal.

Gartsman, comandante do forte, saiu ao encontro da coluna, com 60 soldados e 200 indios.

Mas a fortaleza moral dos expedicionários era sobrehumana.

Às margens do Potengi, travou-se renhido combate. Apesar dos esforços dos batavos e da ferocidade dos índios, Luís Barbalho venceu o inimigo. Garstman caiu prisioneiro.

O mestre de campo poderia ter assaltado o forte Ceulen e se assenhorado da Capitania. Mas não lhe seria fácil manter a conquista. E continuou a marcha.

Entrando a coluna em Pernambuco, redobraram-se as ocasiões dos combates. Tropas aguerridas iam no encalço de Barbalho. Carlos Tourlon chegou a andar dezessete léguas em doze horas, perseguindo a coluna. A avançada, porém, era impetuosa.

Conseguiram os bravos atravessar o S. Francisco e chegar à Bahia a tempo de salvar a cidade que certamente caíria nas mãos de Lichthard, se não fôsse o auxílio daquela gente faminta e maltrapilha, mas de alma cada vez mais forte.

Luís Barbalho escreveu uma das mais belas e emocionantes páginas da guerra holandesa, com a trilha que abriu das praias do Rio Grande aos longínquos sertões da Bahia.

## ALVORADA

As esperanças depositadas na ação de Maurício de Nassau se desfizeram depressa, ao sopro de tristes realidades.

Os anseios de paz e de trabalho ,de liberdade e de ordem, que animaram os colonos, nos primeiros dias do governo do príncipe, se transformaram em pesadelo de morte.

A notícia da vinda do Conde da Torre fez despertar no ânimo dos oprimidos um sentimento de reação.

O Maranhão havia iniciado o movimento libertador. Já não podendo suportar tantos ultrajes, os maranhenses se uniram em torno da bandeira de Antônio Muniz Barreiros, e, em setembro de 1642, de assalto em assalto aos engenhos ocupados pelos batavos, chegaram a tomar de surpresa o forte do Calvário, libertando, depois, S. Luís.

Agora, ia o conde Maurício retornar à Europa. Havia perdido a confiança da Companhia das Índias. No Brasil deixava a cidade Maurícia, que ele quisera dotar de palácios e jardins, como uma lembrança da sua passagem pelas terras da América.

Se o governo de Nassau continuara o martírio da colônia, em que condições ficaria agora a terra conquistada, ao mando dos novos senhores?

Os gestos dos maranhenses encontraram imitadores. Ouvia-se por toda a parte um toque festivo de alvorada, despertando um sentimento novo — o sentimento de pátria.

A alma pernambucana levantava-se para esculpir feitos memoráveis no obelisco da história. O arraial do Bom Jesus não seria único reduto de glória. Tabocas, Guararapes e tantos outros pontos memoráveis assinalariam para sempre o heroísmo de um povo que começava a formar-se e que, num sentimento único e com a divisa — por Deus e pela Pátria, — sem armas nem recursos financeiros, apenas com velhos trabucos e pontas de facas amarradas a pontas de paus, à maneira de lança, muitas vezes sem pólvora e fingindo tê-la muita, em barris de areia, guerrilhava o invasor e mandava dizer à metrópole que, depois da vitória, iria receber o castigo da violação das ordens de além-mar. Ao nome de Matias de Albuquerque se juntariam, nimbados de heroísmo, os de Vital de Negreiros, Antônio Cavalcanti, Antônio Dias Cardoso e de tantos outros bravos, que se tornariam merecedores da consagração da posteridade.

Antes, porém, que se expulsasse de vez o invasor, o distrito do Rio Grande teria que sofrer as consequências da luta, pelo fato de ser ponto de abastecimento de gado.

Recrudescendo a campanha, os flamengos concentraram as melhores tropas em Pernambuco, substitutindo a guarnição do forte Ceulen por tapuias e potiguares, ao mando de oficiais holandeses.

Que situação a dos últimos remanescentes da antiga Capitania, guardados por ferozes selvagens que, num raio de muitas léguas, espalhavam o terror e a morte!

Era esse o programa de Paul Linge, governador da província de Paraíba, à qual pertencia o Rio Grande. Assim, esperava o governador manter o prestígio do domínio holandês.

A aurora da libertação tinha que ser demorada. Ia custar ainda o dia da redenção.

Já se ouvia, porém, o clarinar da alvorada, acordando as energias da pátria, que se formava para a campanha sagrada da libertação.

## TRAIDORES E SACRÍLEGOS

Os processos que os usurpadores punham em prática, para se manter senhores das terras conquistadas, eram os mais terríveis. Bem o sabiam os infelizes colonos que, alarmados pelas correrias de bandos de índios e flamengos, abandonavam lavoura e criação e iam amparar-se à sombra dos pequenos núcleos de povoação.

Cunhaú foi sempre um dos pontos mais procurados para refúgio, por facilitar a vida aos que lá chegavam.

Na tarde de um sábado, a 15 de Julho de 1645, os moradores do pequeno povoado foram surpreendidos com a chegada de um bando de tapuias e potiguares.

Apesar de não irem eles brandindo tacapes nem arremessando flechas, a presença dos bárbaros encheu de pavor a pobre gente, que ali vivia.

Chefiava-os Jacob Rabbi, flamengo terrível, que há anos se metera com os índios, vivendo com eles, copiando-lhes os hábitos de ferocidade, tornando-se ainda mais sanguinário que os próprios bugres.

O judeu levava instruções de Paul Linge.

Diante da atitude pacífica do bando, o pavor da primeira hora diminuiu um pouco.

Jacob Rabbi fez publicar avisos aos moradores, intimando-os a virem no dia seguinte à igreja, para receber ordens do governo de Recife, garantindo-lhes que nada temessem, pois se tratava apenas de dar a conhecer novas determinações do Conselho. Na porta da igreja fez afixar um edital assinado pelo Conselho Supremo.

No dia seguinte, pela manhã, o Pe. André de Soveral, velhinho de 90 anos, pastor querido daquele rebanho atribulado, se dirigiu à igreja, para aguardar a chegada dos fiéis que iam à Missa do domingo. Mal sabia que aqueles passos, que dava, eram os últimos da vida. Não imaginava que ia celebrar pela última vez o santo sacrifício da Missa, ou melhor, que ia iniciar na terra a Missa daquele dia para terminá-la no céu, como mártir da Eucaristia.

Jacob Rabbi viu o velhinho entrar no tempo, e sorriu, prelibando o gozo satânico do festim de sangue que ia dirigir.

O sino da igreja começou a tocar, chamando os fiéis.

Quantos não escutaram naquele toque festivo um dobre de finados! Quantos deixaram a casa e caminharam vacilantes, atormentados pela dúvida da sinceridade das promessas de paz do judeu Rabbi!

Os mais tímidos ficaram em casa.

A igreja se encheu. O padre subiu ao altar e começou a Missa.

Lá fora, a um sinal do judeu, os índios se aproximaram e tomaram as portas do templo.

Era chegado o momento da consagração. O sacerdote elevava em suas mãos a hóstia sacrifical tornada Jesus Cristo pela palavra eterna do Pontífice do Universo, quando as portas da igreja se fecharam e os indios caíram sobre os fiéis, de tacape e facas em punho.

O pânico foi terrível. Todos rezavam, pedindo a Deus perdão dos pecados. Vozes de súplica se misturavam com gemidos de moribundos. "Na garganta de todos se encontravam a oração e a espada".

Os que haviam ficado nas casas do engenho, ouvindo os gritos, correram ao templo, abriram as portas aos empurrões e entraram em luta com os atacantes, para morrer também.

Um grupo de tapuias avançou sobre o altar. O velho sacerdote gritou para o bando: — Aquele que tocar no padre ou nas imagens do altar terá os braços ou as pernas paralisados!

Os tapuias recuaram. Mas os potiguares que os seguiam caíram sobre o altar e vibraram um golpe de morte sobre o padre, que tombou misturando o seu sangue com o sangue do Cordeiro Imaculado que imolava.

O velho sacerdote ainda se ergueu, amparando-se a uma porta em que se gravaram suas mãos. Mas não demorou a cair de vez, para o lado do altar, com o corpo inanimado.

Algumas crianças foram poupadas.

Gonçalo de Oliveira conseguiu fugir com dois criados.

Momentos depois, pairava na igreja um grande silêncio, velando os corpos de sessenta e nove mártires.

Ao pé do altar, o Pe. André de Soveral; no piso do templo, o montão de vítimas dos sacrílegos e traidores.

## O ARRAIAL DE URUAÇÚ

A notícia da carnificina de Cunhaú se espalhou célere, transmitida pelos que conseguiram fugir ao terrível morticínio.

Vários colonos abandonaram o Rio Grande, procurando abrigar-se na Paraíba e em Pernambuco.

O Pe. Ambrósio Francisco Ferro, Antônio Vilela Júnior, Francisco de Bastos, José do Porto e Diogo Pereira foram bater às portas do governador holandês, refugiando-se no forte Ceulen.

Algumas famílias se foram abrigar em Ferreiro Torto, no engenho de João Lostau Navarro.

Outros, como Matias Moreira, Antônio Baracho, Estêvão Machado, Francisco Dias, Manuel Rodrigues Moura, Manuel Álvares Ilha, Antônio Bernardo e João Martins, preferiram organizar um arraial, à pequena distância do engenho, à margem de uma lagoa, a poucos quilômetros do rio, no lugar que os índios chamavam de Uruaçú. Uns 70, ao todo, constituíam os moradores do arraial.

Trataram eles de se fortificar, organizando a defesa com as 17 armas de fogo que possuíam, com facas e paus, e construin-

do em redor uma cerca. Assim, não seria difícil repelir as investidas dos índios.

Já se iam quase três meses, e aquela pobre gente ali vivia, entregue a orações e penitências, fazendo procissões e cantando ladainhas todas as tardes, entregando-se nas mãos de Deus.

Depois da matança de Cunhaú, os tapuias e potiguares haviam descido até Paraíba. A chamado dos flamengos, voltaram eles com Jacob Rabbi.

Os holandeses sabiam da existência dos refugiados em Ferreiro Torto e Uruaçú e temiam que aqueles redutos de foragidos se tornassem pontos de resistência contra o domínio de Holanda.

Era conveniente exterminá-los.

A empresa foi confiada ao judeu. Os índios caíram sobre o engenho, repetindo as crueldades de Cunhaú, não respeitando idade nem sexo. João Lostau foi levado para a fortaleza.

Depois daquele assalto, Jacob Rabbi foi explorar o arraial.

Aproximou-se da cerca e procurou falar aos moradores. Lamentou com eles os fatos de Cunhaú, dizendo que o governo holandês já havia tomado providências contra os culpados — alguns flamengos revoltados, que já estavam nos cárceres de Recife. Examinando bem as possibilidades de resistência do arraial, despediu-se com a amabilidade hipócrita de quem tinha na alma sinistros planos de traição.

Alguns desconfiaram das palavras do judeu. Um francês que passara pelo arraial aconselhou a fuga como meio de evitar um ataque. A maioria achava que havia segurança para todos.

Quatro dias depois da visita do judeu, o arraial amanheceu cercado. Jacob Rabbi comandava o cerco.

As primeiras investidas os sitiados repeliram com denodo. Às avançadas dos bugres e flamengos sobre a cerca respondiam os dezessete mosquetões, em descargas cerradas. À noite, maior foi a vigilância do arraial. A luta continuou no dia seguinte. E se prolongou por vários dias. A cidadela continuava a resistir heroicamente. O judeu tratou de reforçar o cerco, mandando vir do forte Ceulen duas peças de artilharia.

Aos primeiros tiros de canhão, o herege intimou os defensores do arraial a se renderem, sob pena de serem todos passados a fio de espada.

Não era possível resistir ao fogo da artilharia.

Os bravos capitularam, sendo-lhes asseguradas vidas e haveres. A troco de passaporte ,entregaram armas e munições e mais cinco reféns, que deviam ir para o forte. No arraial, ficavam dez flamengos, a título de salvaguardas daquela gente que não tinha mais esperança de paz e apenas aguardava com resignação o dia do martírio.

De que lhes valia a palavra do holandês? Os quadros de sangue de Cunhaú e Ferreiro Torto se esboçavam na imaginação de todos.

Seria o que Deus quisesse.

Redobravam-se os atos de religião. À tarde, um Cristo crucificado precedia a procissão de penitência. Subiam ao céu as notas cadenciadas das ladainhas.

## HERÓIS E MÁRTIRES

João Bullestraten, membro do Supremo Conselho de Recife, chegara a Natal. Vinha executar deliberações do Conselho.

Na residência de Gartsman, confabularam secretamente o governador do Distrito, Jacob Rabbi e Bullestraten. Era preciso não deixar vivo nenhum português capaz de pegar em armas.

Na manhã seguinte, 3 de outubro de 1645, os refugiados, presos e reféns do forte Ceulen, tiveram ordem para embarcar nos botes, que estavam aprestados para subir o rio. O governo holandês, dissera-lhes o representante do Conselho, estava disposto a ampará-los, esperando que todos voltassem ao campo e se entregassem ao cultivo da terra. No arraial de Uruaçú, estariam garantidos e livres dos ataques dos índios.

Nas pequenas embarcações se assentaram o Pe. Antônio Francisco, Antônio Vilela Junior, Francisco de Bastos, José Porto, Diogo Pereira, João Lostau Navarro, Antônio Vilela Cid e os outros refugiados e mais uma companhia de soldados flamengos.

Abriram-se as velas e os barcos começaram a singrar, aproveitando a maré montante.

Avizinhando-se do porto de Uruaçú, as embarcações aproaram para terra.

O comandante da companhia ordenou o desembarque. E, quando estavam todos em terra, o capitão dispôs a tropa em quadrado, dentro do qual ficaram o Vigário Ferro e seus companheiros.

O comandante mandou que aquela gente indefesa se despisse e se ajoelhasse.

Todos compreenderam que era chegado o momento do sacrifício. E se entreolharam com emoção, encorajando-se mutuamente.

O padre, com ânimo sereno, estendeu o braço sobre os companheiros, dando-lhes a absolvição.

O ministro protestante que acompanhava a tropa começou a falar aos sacrificandos, exortando-os a que abjurassem a religião católica. Em resposta, ouviram-se brados de fé. Todos queriam morer por Jesus Cristo e pela sua igreja. Ninguém atraiçoaria o seu Deus.

Diante da firmeza da fé, que aqueles bravos demonstraram, o próprio ministro protestante começou a torturá-los, auxiliado pelos soldados, a uns cortando a lingua e rasgando lentamente a carne, a outros arrancando os olhos e decepando os braços.

A um tiro de mosquete, surgiram dos capões de matos mais de 200 ,ndios, que Jacob Rabbi emboscara, chefiados pelo terrível Paroupava. Os selvagens caíram sobre os mártires, reduzindo a pedaços aqueles corpos, já tão mutilados pelos hereges, rasgando-lhes os ventres, arrancando-lhes narizes e orelhas, não deixando parte alguma, que não fôsse assinalada pelo ferro.

O corpo do padre foi objeto das mais torpes vilezas.

Por trás das moitas, dois rapazes presenciaram aquela cena terrível. Deixando casualmente o arraial, tinham ido à margem

do rio. Vendo os botes que se aproximavam, esconderam-se e puderam, assim, testemunhar aquela carnificina.

Voltaram ao acampamento e ainda exaustos de correr, contavam o que viram, quando, além da cerca, surgiram Jacob Rabbi e os oficiais flamengos. Um raio de pavor atravessou os corações daquela gente.

Os chefes holandeses, aproximando-se, convidaram os homens para ir à fortaleza. Havia papéis a assinar, para serem remetidos ao Supremo Conselho.

Bem sabiam os bravos defensores do arraial que tudo aquilo era uma cilada. E, em lágrimas de despedida, abraçaram as esposas e filhinhos. Não voltariam mais. Saíram rezando.

Na véspera, como se o céu lhe avisasse que a glória do martírio não tardava, jejuaram a pão e água e apertaram os rins com duros cilícios.

Ao se aproximarem das margens do Potengi, viram os índios e os soldados que os esperavam, e, mais de perto ainda, contemplaram os corpos mutilados dos primeiros mártires.

O pastor protesstante quís exortá-los, mas as confissões de fé, em altas vozes, o fizeram calar.

Soldados e índios caíram sobre as vítimas do herege invasor. Antônio Baracho foi amarrado a uma árvore. Cortaram-lhe a lingua e os membros, queimaram-lhe a carne com ferro em brasa, rasgaram-lhe as costas para lhe arrancarem o coração.

Matias Moreira, quando lhe abriram as costas e lhe tiraram o coração, ainda pôde exclamar, numa sublime confissão de fé: — "LOUVADO SEJA O SANTÍSSIMO SACRAMENTO".

Estêvão Machado de Miranda, Manuel Rodrigues Moura e demais bravos defensores do arraial sentiram também as mãos dos selvagens penetrando em suas entranhas, para lhes extrair os generosos corações.

A esposa e as filhas de Estêvão Machado e a mulher de Manuel Rodrigues quiseram acompanhar os mártires ao lugar do sacrifício, e levaram ainda uma filha de Antônio Vilela Junior e outra de Francisco Dias.

Um índio suspendeu na mão esquerda a filha de Antônio Vilela Junior e com a direita vibrou o tacape, esfacelando o crânio da menina. Um soldado fez em duas partes o corpo da filha de Francisco Dias. Duas filhas de Estêvão Machado de Miranda foram massacradas, ficando com vida a mais velha, moça de rara beleza, que os holandeses venderam aos índios por um cão de caça. A mulher de Manuel Rodrigues ficou estendida no chão, de pés e mãos cortados, ao lado do cadáver do marido.

Mais piedosos, talvez, que os brancos de além-mar, os selvagens quiseram poupar ao morticínio oito jovens que eles desejavam a vida aos moços, com a condição de assentarem praça nas hostes invasoras. Mas eles repeliram a proposta, com firmeza bem digna de suas crenças e de seu patriotismo, afirmando que não queriam mais viver quando viam seus pais, parentes e amigos mortos aos seus olhos e somente por seu Deus e por seu rei e contra os tiranos pegariam em armas.

Aquela resposta lhes valeu o mais atroz martírio.

Ainda quiseram os batavos seduzir o último dos oito heróis. Chamava-se ele João Martins. Repetiram a proposta de condições de ser poupado, mas ele respondeu varonilmente: "Não me desampara Deus. Armas tomei sempre contra os tiranos e jamais contra a minha pátria e o meu rei. Matai-me logo, pois, tenho inveja da morte e da glória dos meus companheiros".

Vendo quanto aquele mártir padecia, Manuel Álvares Ilha e Antônio Bernardo, já mortalmente feridos, conseguiram ainda, num grande esforço, puxar da cinta as facas que costumavam tra-

zer, e, levantando-se alucinados, avançaram sobre os índios, matando três e ferindo cinco bugres, caindo logo depois, sem vida.

Estavam cumpridas as ordens do Supremo Conselho.

Amarrados a árvores, corpos sem cabeças, com vísceras rasgadas e membros cortados. No chão, cobertos com a mortalha rubra do próprio sangue, restos informes de carne massacrada. Espetados nas estacas, os corações dos heróis e mártires...

Depois daqueles atos de requintada selvageria, a avançada sobre as mulheres indefesas que haviam ficado no arraial.

Entre urros terríveis de selvagens e alaridos da soldadesca animalizada, índios e holandeses fizeram cair sobre matronas e donzelas o opróbrio e a desonra.

## GLORIFICAÇÃO

Foi uma tarde de desolação para o arraial de Uruaçú aquela de 3 de outubro de 1645.

A hora terrível dos bárbaros ali estivera, deixando assinalados os mais tristes vestígios de sua passagem.

Mulheres vagavam em torno das ruínas das palhoças, que as abrigaram outrora, nos dias da resistência, à procura de restos de panos que lhes cobrissem a nudez. Os holandeses e os indios lhes haviam rasgado os vestidos, deixando-as despidas e desonradas.

Choravam crianças, chamando por seus pais.

Viúvas e órfãos, em abraços angustiosos, procuravam amparar a própria dor na dor alheia, como se conforto pudesse dar um coração a outro coração a padecer da mesma pena.

Nem ao menos lhes fôra permitido ir ao local do suplício, para dar sepultura aos seus mortos queridos.

Pela manhã, a pequena Adriana, filha de Diogo Pinheiro, entrando em casa para chorar às escondidas, vira uma formosa

virgem de manto azul sobre um vestido branco, com um azorrague na mão. A estranha mulher afirmara à menina que em breve seriam punidos os hereges que naquele instante estavam martirizando os defensores do arraial.

Aquela visão fôra Nossa Senhora que agora era invocada com tanta piedade.

E não tardou o socorro do céu.

A mulher do governador holandês conseguira do marido permissão para levar para sua casa, em Natal, as viúvas e filhas dos mártires.

Portuguesa de nascimento, vivia ela no Brasil na época da conquista holandesa. Afeiçoando-se por Gartsman, casara-se com ele.

Aproveitando-se de sua situação de esposa do governador, pedira ao marido consentimento para proteger as vítimas dos hereges. Naquela mesma tarde, fez transportá-las para Natal.

Alta noite, quando tudo era silêncio, a mulher de Gartsman despertou ao som de uma estranha música. Continuando a ouvir a melodia, despertou o marido, que acordou sobressaltado.

Dentro de alguns instantes, todos os da casa haviam acordado.

Lá fora ninguém a tocar. Gartsman notou que a melodia vinha do alto. E todos observaram que a harmonia parecia vir das margens do Potengi. Presos de emoção alguns, outros de terror, os holandeses, juntamente com as mulheres, verificaram que aquela música celeste pairava sobre os campos de Uruaçú, ensopados com o sangue dos heróis cristãos.

Eram, por certo ,os anjos do Senhor, a velar aqueles corpos mutilados dos heróis riograndenses, a cantar nos espaços a glorificação imperecível dos que souberam morrer para a vida terrena, deixando aos pósteros a poeira de luz de seus feitos memoráveis, como se, demandando a vida que vai além dos séculos, a vida que se eterniza na bem-aventurança, fôssem semeando, de passagem pelos espaços, a via-láctea de suas glórias.

Lágrimas de emoção correram abundantes pelas faces encovadas das viúvas e dos órfãos.

Era a compensação do sofrimento.

Ninguém mais dormiu na casa de Gartsman, naquela noite.

Pela manhã, muitos holandeses atravessaram o rio e foram a Uruaçú, cheios de curiosidade. E voltaram contando que sentiram um perfume esquisito, como um cheiro de incenso, a recender dos corpos.

Somente quinze dias depois, os chefes holandeses permitiram sepultar os mortos.

As famílias dos mártires foram ao porto de Uruaçú. À medida que se avizinhavam, sentiam mais forte o perfume que os corpos exalavam. Aproximaram-se. Os corpos não se haviam corrompido. Parecia que o sangue do Pe. Ferro e dos companheiros havia sido derramado naquele instante.

Esposas, filhos e amigos ajoelharam-se e beijaram piedosamente a carne massacrada dos bravos. Cavaram, depois, as covas, amortalhando os corpos com lágrimas e preces e depositaram na terra sagrada com sangue generoso os despojos dos heróis cristãos.

## ESTRANHO AVISO

Aos chefes da insurreição pernambucana chegaram logo as notícias das atrocidades dos holandeses no Rio Grande.

Ainda bem não se apagara da memória de todos a lembrança do morticínio de Cunhaú, e já se vinha a saber do que se passara em Uruaçú, com todos os pormenores da requintada selvageria que revestiu o doloroso acontecimento.

Não era mais possível adiar a remessa de socorros à antiga Capitania. Era preciso amparar os seus últimos remanescentes e garantir a posse de campos, onde havia tanto gado necessário ao abastecimento das tropas libertadoras.

João Fernandes Vieira escolheu a João Barbosa Pinto para comandante da expedição ao Rio Grande.

À frente de algumas companhias de guerrilheiros, o capitão partiu. E marchou durante alguns dias, indo acampar no engenho Cunhaú.

Em volta do engenho, cavou algumas trincheiras e levantou fortificações ligeiras.

À noite, um fato interessante se passou. Quando o acom-

pamento dormia, a sentinela pressentiu a aproximação de patrulhas e, percebendo que se avizinhavam soldados inimigos, deu sinal de alarme. A tropa acordou. Cada soldado municiou a arma e tomou posição de combate.

Os rumores que denunciavam ataque desapareceram mas a tropa continuou em linha de batalha.

Quando o dia clareou, Barbosa Pinto mandou fazer um reconhecimento, não descobrindo sequer vestígios de passos do inimigo.

Na noite do segundo dia, novo brado de alarme da sentinela. Ouviram-se os mesmos rumores da noite precedente. O comandante mandou a tropa estender em linha de combate. Veio a aurora, sem que se disparasse uma arma.

Novos reconhecimentos, agora feitos com mais interesse. Nenhum vestígio de patrulhas.

Barbosa Pinto ficara pensativo. Que seria aquilo? Seriam fantasmas, amedrontando os guerreiros? Seria algum aviso do céu?

Com aquela preocupação a lhe morder o pensamento, o capitão viu chegar a noite do terceiro dia. E ficou a velar. De repente, o brado da sentinela. E ele ouviu claramente o tinir de armas e o estalar de ramos que se quebravam à passagem precipitada de alguém. Deu ordens de comando e ficou a esperar o ataque. Cessara o movimento.

O dia amanhecera. Barbosa Pinto quís em pessoa fazer o reconhecimento.

Depois de muitas pesquisas, nenhum vestígio de passos, nenhum ramo quebrado.

O comentário da soldadesca foi um só. Aquilo era um aviso do céu. Eram, por certo, as almas dos mártires sacrificados na igreja, a 16 de julho, que vinham avisar ser aquele lugar perigoso, sujeito às surpresas de ataques, e que era preciso mudar quanto antes o acampamento.

Com a alma emocionada, Barbosa Pinto mandou levantar o acampamento. E, no mesmo dia, a tropa abalou para outro ponto, de mais fácil entrincheiramento por ser acessível apenas de um lado.

Mal Barbosa Pinto havia entrincheirado a tropa, um grosso contingente de mais de 400 holandeses desembarcava na baía da Traição e marchava sobre o engenho, auxiliado pelos índios do terrível Pedro Poti, conhecido pelas atrocidades que cometera na Paraíba.

À noite, os batavos atacaram Cunhaú, e não encontrando com quem combater, saíram no encalço dos patriotas, investindo contra o novo acampamento.

Se tivessem ficado no primeiro ponto onde estiveram, os nacionais teriam sido derrotados. Aquele simulacro de ataque nas três noites, fôra, realmente, um aviso do céu.

Os invasores foram bravamente repelidos e desbaratados, recuando em debandada, indo procurar refúgio no forte Ceulen.

Depois da vitória, não convinha a Barbosa Pinto marchar sobre Natal. Ignorando de que forças dispunha o antigo forte dos Reis Magos, seria temeridade avançar sobre suas muralhas. Era mais prudente voltar à Paraíba.

Pondo a tropa em marcha, partiu para o arraial de Santo André.

## CAMARÃO

Em defesa do Rio Grande havia chegado o seu grande filho, D. Antônio Felipe Camarão.

O bravo chefe indígena era um dos valentes capitães das forças libertadoras.

Nascido às margens do Potengi, na aldeia de Igapó, em 1580, aliara-se aos portugueses aos 18 anos de idade, quando já era entre os de sua tribo um valente guerreiro. Os padres jesuítas o educaram e o instruiram na fé, recebendo ele o batismo e casando-se em 1612.

Acompanhou a Jerônimo de Albuquerque na conquista do Maranhão.

Quando começou a luta da redenção da terra martirizada pelo jugo holandês, Camarão foi um dos capitães das Companhias de Emboscadas, merecendo brasão de armas e o título de capitão-mor dos índios do Brasil, com um soldo de 400$000.

Quando Matias de Albuquerque e Bagnuolo acharam prudente abandonar Vila Formosa, na impossibilidade de manter as posições de Nazaré, D. Antônio sustentou a retaguarda dos retirantes.

D. Fradique de Toledo trouxe-lhe o título de DOM que lhe mandara el-rei.

Pelejara em Mata Redonda, comandara guerrilheiros quando Bagnuolo concentrara forças em Porto Calvo, dera combate a Artichfshy e abrira caminho a Goiana, quartel-general dos libertadores.

Agora, cumpria-lhe a missão de defender a terra de seu berço.

Às suas ordens, marcharam para o Rio Grande o seu regimento e mais duzentos índios, ribeirinhos de S. Francisco. Na Paraíba, colocou à testa da coluna cinquenta homens batedores do sertão, e continuou a marcha, destruindo aldeias de tapuias e potiguares, indo acampar ao norte de Cunhaú, no mesmo local em que Barbosa Pinto vencera os holandeses.

O Supremo Conselho de Recife alarmara-se com a notícia da permanência do chefe indígena no Rio Grande. Era preciso garantir aquela conquista que se tornara celeiro, a fornecer sempre aos invasores grande quantidade de gado e de farinha.

Je Bas, membro do Conselho, partiu para o forte Ceulen, com dois navios e um reforço de sessenta soldados e com índios de Itamaracá, e um outro igual, de Cabedelo ,além dos tapuias comandados por Jacob Rabbi e pelos filhos de Janduí. Ao todo, mais de mil homens.

Camarão dispunha apenas de uns seiscentos combatentes.

Aproveitando o terreno, cuja defesa era favorecida, de um lado, pelo rio e, do outro, por uma espessa mata de tabocas, o grande chefe levantou fortificações apenas no lado aberto.

Aguardando as horas de combate, ele se ajoelhou diante de um crucifixo esmaltado que trazia consigo, o qual tinha no lado oposto uma imagem da Virgem.

Depois da prece ardente e cheia de fé, organizou seus soldados em três filas, ordenando que não perdessem tiro e que enquanto a primeira carregasse, a segunda passasse à frente, para descarregar, depois a terceira, evitando-se assim, interrupção no

tiroteio. Acrescentou que se faltasse pólvora ou bala, gritassem todos por São João e Santo Antônio e seriam logo municiados.

Os holandeses, comandados por Rhineberg, partiram de Natal, ao encontro de Camarão. A 27 de janeiro de 1646, cercavam eles o acampamento e iniciavam o combate.

Os soldados de D. Antônio cumpriram fielmente as ordens recebidas. E o fizeram tão bem que carregavam os mosquetes demais, ocasionando uma força manobra, tão interessante quanto feliz. As armas esquentadas pela repetição das descargas davam um coice tão forte nos peitos dos atiradores, que os derrubavam em linha, permitindo assim que as balas inimigas passassem acima deles, sem os atingir. Ao vê-los cair, D. Antônio supôs que seus soldados estivessem todos mortalmente feridos. Mas quando viu que eles se erguiam e faziam novas descargas, reanimou-se na peleja.

Ante a resistência do acampamento, Rhineberg concebeu novo plano de ataque, dividindo seus soldados em três colunas, uma das quais sustentaria o fogo enquanto outra forçaria a passagem do rio e a terceira tentaria escalar o tabocal.

Ms Camarão havia disposto seus guerreiros de modo a defender todos os pontos.

Os flamengos que avançaram sobre o tabocal sentiram-se envolvidos em duas emboscadas e trataram de fugir. Os que tentaram atravessar o rio receberam uma chuva de setas dos índios entrincheirados na outra margem.

Aos gritos de vitória dos soldados nacionais, o chefe holandês bateu em retirada, em desordem abandonando armas e bagagens, deixando no campo da luta cento e cinquenta mortos.

Os nacionais tiveram apenas três feridos.

Acabara-se a munição. Não era possível perseguir o inimigo e sitiar o forte Ceulen.

Depois de uma semana de descanso, Camarão voltava à Paraíba, para refazer a tropa.

## JACOB RABBI

Do arraial de Santo André, mandara Camarão a Pernambuco o capitão João de Magalhães, levando duzentas cabeças de gado que o chefe indígena trouxera do Rio Grande. De volta, o capitão traria armas e munições.

A certeza de que o inimigo concentrava tropas no forte Ceulen fez com que Vidal de Negreiros partisse para o norte, comandando seis companhias.

Na Paraíba, o bravo chefe se encontrou com D. Antônio, reunindo-se ambos para investir contra os batavos, armando ciladas com que envolviam os invasores, que procuravam abrigar-se nas fortalezas.

Depois dos sucessos de algumas refregas, Vidal julgou de seu dever voltar ao novo arraial do Bom Jesus, pois que as notícias do Rio Grande informavam não ser tão grande o número dos soldados que guarneciam o forte Ceulen e a cidade. A Camarão deixou o encargo de dar nova batida na Capitania.

D. Antônio marchou com seus soldados para o Rio Grande, levando, de passagem, tudo de vencida, ateando fogo às casas,

degolando os que supunha cúmplices dos holandeses, arrebanhando o gado que encontrava.

Aos prejuízos dos flamengos com a marcha vitoriosa das hostes nacionais, juntaram-se outros não menos importantes.

A morte de Jacob Rabbi causou aos holandeses um prejuízo incalculável, não somente porque perdiam eles um ótimo elemento de prestígio para os selvagens, como também porque os índios estavam revoltados contra o assassínio do seu amigo e pediam a punição dos culpados.

Não esperava Gartsman que a morte do judeu provocasse tanta celeuma entre os bugres.

Havia anos, Jacob Rabbi aportara ao Brasil.

Espírito aventureiro, soubera conquistar a amizade dos naturais, metendo-se com eles nas tabas, vivendo a mesma vida selvagem que eles levavam, desposando uma índia, tornando-se de instintos tão ferozes quanto os bárbaros.

Depois da invasão holandesa, ele se aproximou dos flamengos quando estes já se haviam apossado da Capitania do Rio Grande. E com eles fizera estreita amizade, visando tirar partido da invasão, como locupletar-se de benefícios que lhe poderiam advir com o saque das propriedades dos portugueses.

À frente dos ferozes tapuias, espalhou muitas vezes o horror pela Capitania. Celebrizara-se pelos morticínios de Cunhaú e Uruaçú.

Quando ele cercou e destruiu o engenho Cunhaú, aquela propriedade pertencia ao comandante do forte Ceulen o governador do Distrito.

Gartsman julgara ousadia de Jacob Rabbi atentar contra a sua propriedade. Sentindo-se humilhado, deliberou vingar-se do malfeitor. Confabulando com o alferes Jacques Boukan, conseguiu que aquele destacasse dois oficiais para dar cabo do judeu.

Numa tarde, reuniram-se em casa de Johan Miller, que morava fora da cidade, alguns elementos representativos do governo holandês. Gartsman e Jacob Rabbi estavam presentes. De-

pois da ceia, o governador do Distrito se despediu de Miller, alegando afazeres e, montando a cavalo, saiu a galope.

Mais tarde, o judeu se retirava também. Quando se havia afastado algumas braças da casa, ouviu um disparo e sentiu que uma bala lhe varara o coração. E caiu sem vida.

A morte do grande amigo dos selvagens causara profundo desgosto às tribos aliadas dos flamengos. Os tapuias exigiram a punição dos culpados.

O Supremo Conselho mandou abrir inquérito e, apurando a responsabilidade de Gartsman, prendeu o governador e o mandou para a Holanda.

Janduí achou, porém, que aquele castigo não era suficiente e só se reconciliou com os flamengos depois que recebeu, de presente, duzentos florins, mil varas de fazenda, cem galões de vinho e 40 de azeite, duas pipas de aguardente e uma barrica de carne salgada.

Assim findara aquele judeu terrível, que tanto mal fizera ao Rio Grande.

O azorrague da Virgem vergastara o impenitente assassino de tantas vítimas.

## OS TERÇOS DE HENRIQUE DIAS

Segismundo von Schokoppe voltara ao Brasil.

Às ordens do chefe holandês, viajaram seis mil homens de desembarque, marinheiros e voluntários.

Em sua companhia haviam chegado a Pernambuco novos membros para o Conselho Superior.

Quando Segismundo partira da Europa, soubera-se que ele pretendia desembarcar no Rio Grande e marchar até Recife.

Para preparar a defesa do novo arraial do Bom Jesus e das cidades conquistadas aos invasores, os chefes da insurreição concentraram todas as forças em Pernambuco.

Camarão, que dominava as regiões marginais do Potengi, fôra chamado.

Fernandes Vieira recomendara ao capitão dos índios que conduzisse consigo os moradores da Paraíba e do Rio Grande. Assim, Schokoppe não encontraria no norte com quem combater.

D. Antônio, cumprindo as ordens recebidas, abalou para Pernambuco, arrebanhando enorme quantidade de gado.

Depois de uma viagem de seis meses através do Atlântico, o general holandês desistira do plano traçado e resolvera desembarcar logo em Recife, para iniciar imediatamente o ataque dos nacionais.

Abandonado pelas tropas libertadoras, o Rio Grande tornara-se campo de ação dos índios e dos flamengos.

Holandeses e bugres, aproveitando aquele abandono, trataram de cultivar a terra. Já o engenho Cunhaú estava restaurado e prestes a moer.

Ao saber que os intrusos estavam aproveitando-se das terras abandonadas, os chefes da insurreição mandaram Antônio Dias Cardoso, com mais de trezentos homens, destruir-lhes as propriedades.

Dias Cardoso ficou na Paraíba, enquanto Cosme do Rego Barros marchou sobre Cunhaú, com um destacamento de cento e sessenta soldados.

Barros cercou o engenho, venceu a resistência do inimigo, incendiou-lhe as casas, fez muitos prisioneiros e ainda arrebanhou trezentos bois que levou para Pernambuco.

Com a retirada dos nacionais, os flamengos se instalaram novamente em Cunhaú.

# BIBLIOGRAFIA

Autores consultados:

FREI RAFAEL DE JESUS, Castrioto Lusitano; LOPO CURADO GARRO, Breve, verdadeira e autêntica Relação das últimas tiranias e crueldades que os pérfidos holandeses usaram com os moradores do Rio Grande do Norte; SANTIAGO, Rev. Inst. Hist. Brasileiro; ROBERTO SOUTHEY, História do Brasil; BEAUCHAMP, Histoire du Brésil; HANDELMANN, História do Brasil; R. GALANTI, História do Brasil; ROCHA POMBO, História do Brasil, História do Rio Grande do Norte; LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, o Brasão Holandês do Rio Grande do Norte; VICENTE DE LEMOS, Capitães-mores do Rio Grande do Norte; TAVARES DE LIRA, História do Rio Grande do Norte.

Composto e impresso, em CLIMA — Artes Gráficas e Publicidade Ltda., Rua Dr. Barata, 216 — Ribeira — Natal-RN. em Abril/1980